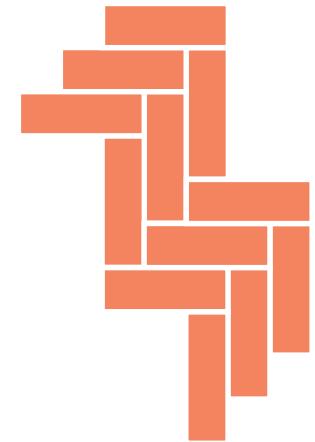
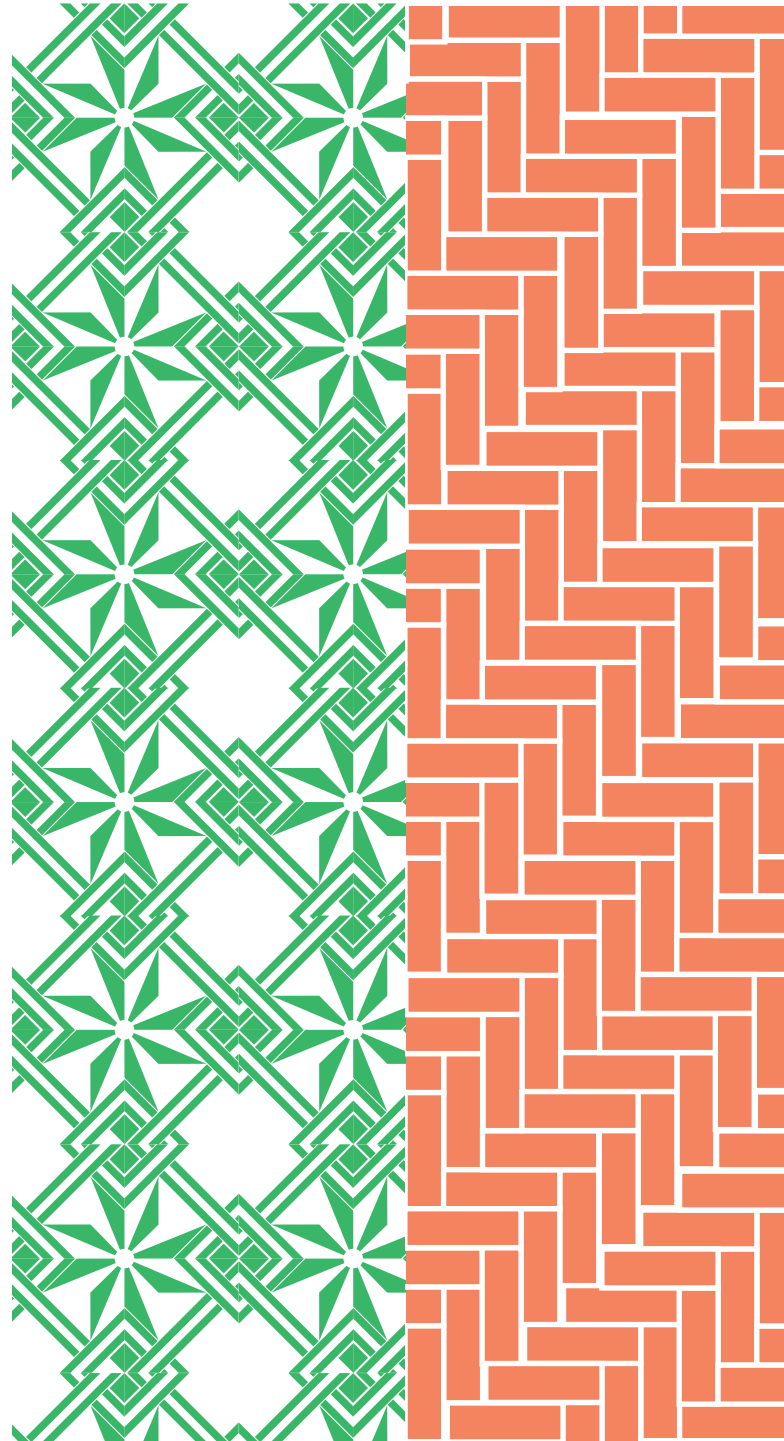


A maioria dos gradis da Vila Itororó se perderam nos últimos anos, em meio ao processo de desapropriação. Com a ausência de seus moradores, e sem muito controle do poder público, muitos saques de elementos construtivos, de valor artístico ou não, ali ocorreram. Os elementos em serralheria foram provavelmente revendidos para reverter algum dinheiro a quem os removeu, porém, alguns de mais difícil acesso, ou que passaram despercebidos aos saqueadores, sobreviveram, e hoje ajudam a contar um pouco da história da Vila. É o caso desse singelo gradil, incrustado na escada de uma pequena casinha, em uma viela estreita.



Teria o autor deste padrão – provavelmente um europeu do início do século XX – definido para si o que ele representa? Ao observar o ladrilho hidráulico original, por conta da diferenciação dos seus tons de cinza, ocorre-me uma imagem em três dimensões: cubos empilhados, uma escada *escheriana* infinita ou até a *Giant's Causeway*, na Irlanda do Norte. Já o estêncil, pelo mero fato de igualar tons e usar a cor azul, ainda que mantendo as formas do ladrilho, acaba remetendo a ondas do mar de um livro infantil ou ao que a imaginação deixar.

NORTON FICARELLI, GERENTE DE PRODUÇÃO



Dentre os diversos exemplares de pisos encontrados na Vila, existem alguns assoalhos de madeira sobre barrotes. Numa casa que parece pequena, e se engrandece conforme se adentra seus espaços internos, encontra-se esta paginação tipo espinha de peixe. Ao representá-la no levantamento, ficou notório o cuidado no desenho e nos encontros das peças. Trata-se de uma verdadeira surpresa, ao considerar que em seus ambientes contíguos se mantêm somente partes das estruturas de assoalhos de outrora. Das paredes com traços de umidade e degradação notória, estas peças restam como um respiro apenas, um último suspiro; íntegros e belos, como sempre.

BÁRBARA MARIE VAN SEBROECK, ESTAGIÁRIA DE ARQUITETURA



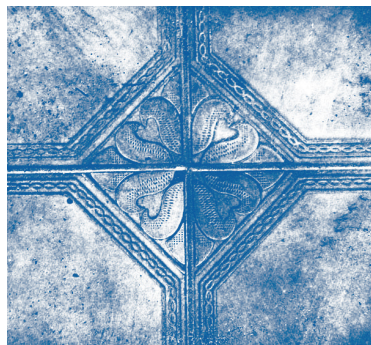
Construídos com cimento armado ou argila, inteiros ou quebrados: guardiões da mina, guardiões das entradas, deitados ou sentados, agora máscaras e pinturas, são muitos os leões da Vila Itororó. Eles se tornaram elementos fundamentais da sua iconografia. Nas fotografias dos anos 20, tanto os operários quanto os idealizadores da Vila Itororó posavam entre eles. Não sabemos de onde eles vêm, mas, cá estão; silenciosos, por enquanto. Cabe a nós descobrir as histórias que eles têm pra contar.

BENJAMIN SEROUSSI, CURADOR



Em um olhar prematuro, uma cerâmica de espessura fina, nova, se comparada a outros exemplares encontrados na Vila Itororó. Em uma lembrança particular, remete à casa dos meus pais, e, pela familiaridade, pode gerar um olhar relapso. Mas a vila ensina que nenhum elemento deve ser desconsiderado, pois todos ajudam a contar sua história, dos momentos passados até os dias atuais. O estêncil, uma interpretação atual e reveladora da beleza intrínseca dessa peça.

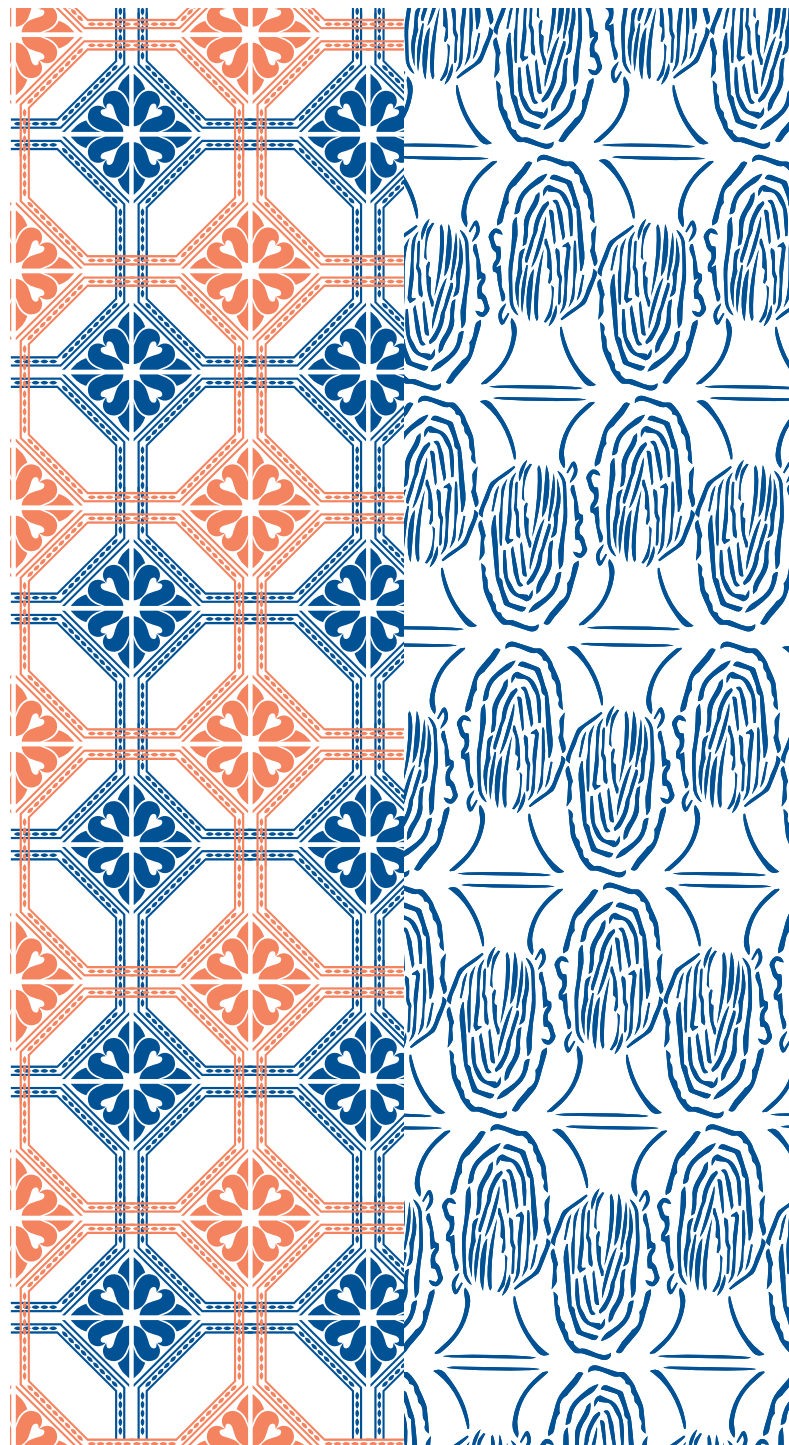
PAULA TEDESCO, ARQUITETA



Este exemplo é um dos motivos mais inexpressivos que encontrei na Vila Itororó, registrei despretensiosamente, sem convicção de sua utilidade.

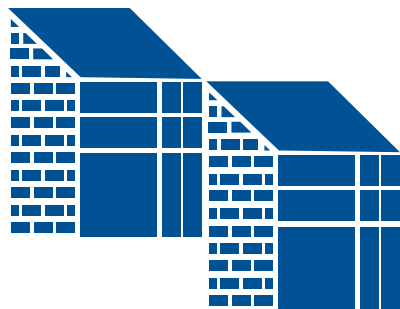
Não saberia, agora, dizer onde ele estava, ou de onde viera, era tão somente um canto de azulejo, uma junção, um detalhe. É certo, porém, que muitas pessoas passaram por este piso, sem ao menos notá-lo. Dentre tantas outras vistosas amostras, seu descobrimento tornou-se um dos mais significativos estênceis deste projeto. Por meio de sua simplicidade inerente e sua sobreposição, ressaltamos o “detalhe”, originando um padrão de grande força e impacto.

RENAN HEITZMANN, ASSISTENTE DE MÔNICA NADOR



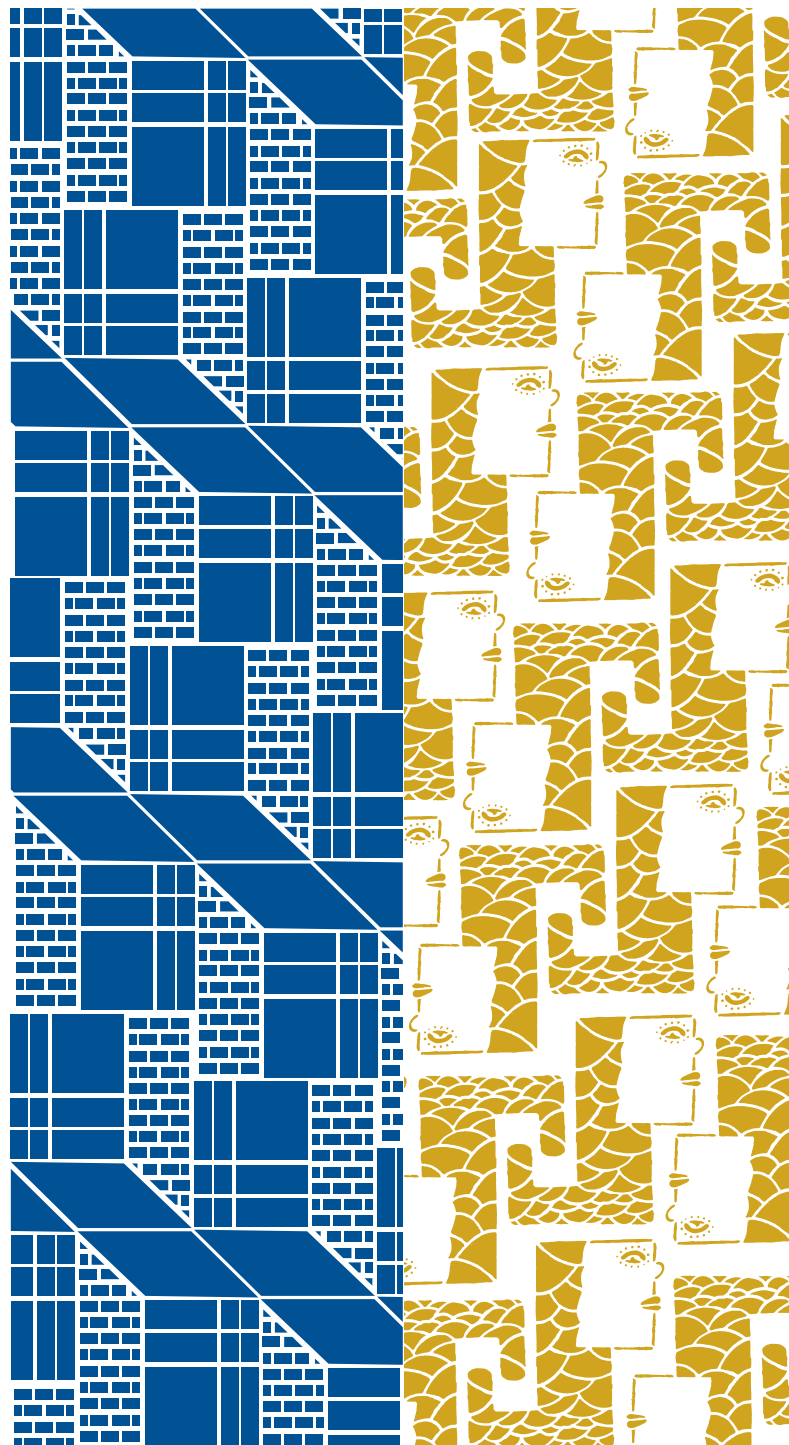
Um dia a Dona Cida, que morou mais de 40 anos na Vila, foi com seus netos e cachorro brincar no galpão e participar de uma das oficinas de estêncil com a Mônica. Ao ser estimulada a escolher e desenhar uma memória importante que tem da Vila, ela fez essa árvore, uma das muitas que podiam ser vistas da sua casa na direção da Av. 23 de maio. Por que será que a Cida elegeu uma árvore ou uma paisagem como uma lembrança significativa, entre tantas outras lembranças que ela provavelmente guarda do lugar? Como será, hoje, a vista da janela do apartamento onde ela mora?

GRAZIELA KUNSCH, ARTISTA, RESPONSÁVEL
PELA FORMAÇÃO DE PÚBLICO



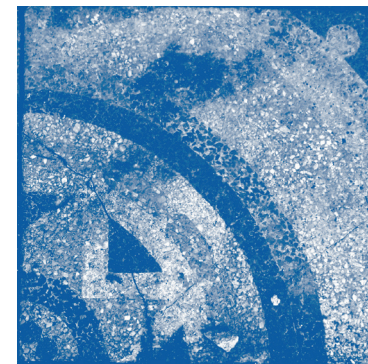
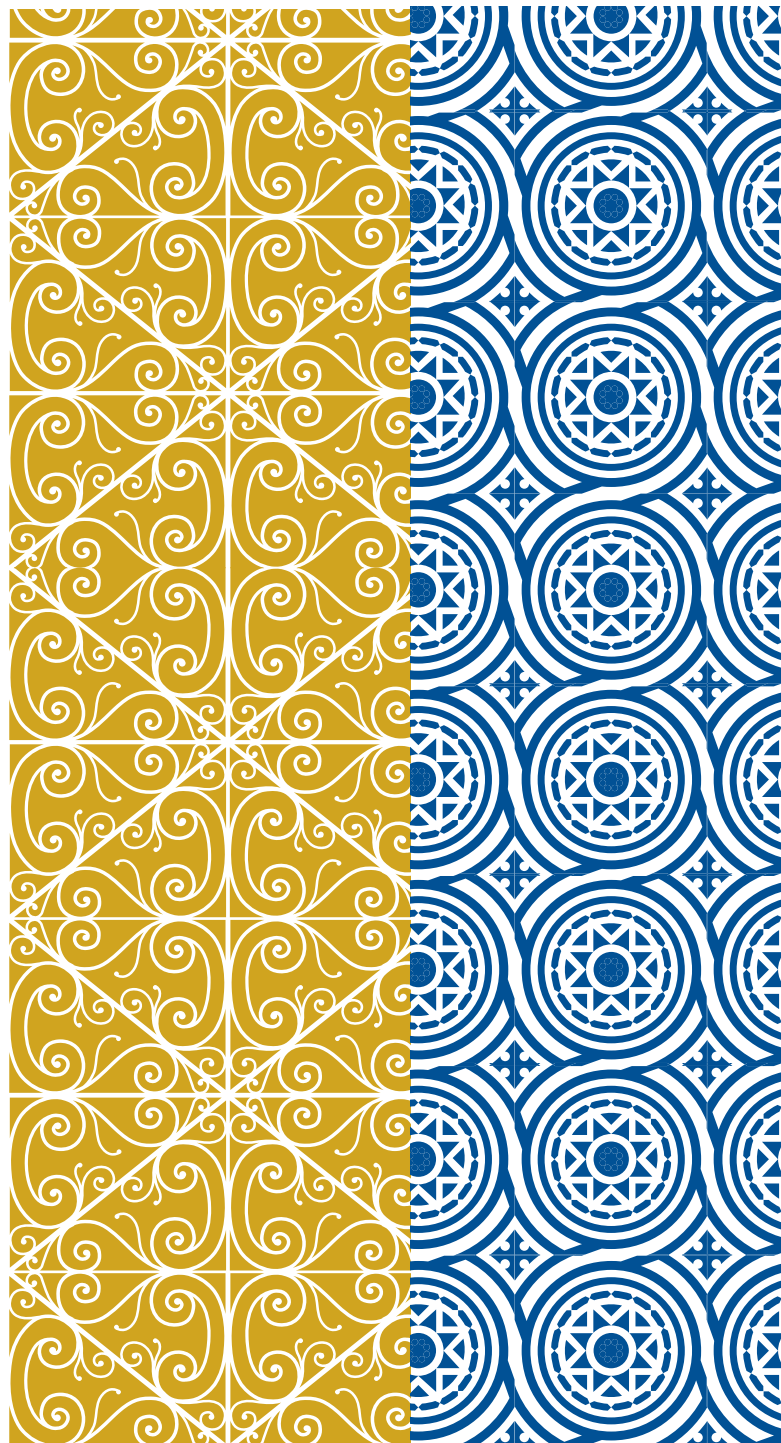
Eu estava ao lado de uma ex-moradora da Vila, quando ela expressava a tristeza de ver que muitas casas pequenas haviam sido demolidas. Eram casas térreas construídas nas últimas décadas, ao lado e atrás do casarão/palacete e ao redor da piscina, com acabamentos simples, que não geraram o mesmo interesse arquitetônico que as casas hoje em processo de restauro. Eu comentei que estava feliz de ver que ao menos o puxadinho, bem no centro da fachada do casarão, ainda estava lá, resistindo, e que, para mim, é um símbolo da história recente da Vila e também deve ser compreendido como patrimônio. Ela respondeu: “O símbolo da Vila eram seus moradores.”

GRAZIELA KUNSCH, ARTISTA, RESPONSÁVEL
PELA FORMAÇÃO DE PÚBLICO



O único lugar onde o ser sereia aparece inteiro é na memória do Pablo, garoto de 12 anos que nasceu na Vila Itororó e registrou essa lembrança nas paredes do nosso ateliê canteiro. Andando pela área externa da Vila, o que vemos são alguns fragmentos de grafite dessa figura mítica espalhados por suas paredes em ruína. Chama a atenção o fato de como o grafite, mesmo na situação depredada em que se encontra, impacta as crianças, constrói repertórios.

MÔNICA NADOR, ARTISTA



Indecisa, a linha se contorce sobre si mesma. Serpenteia de modo intenso dentro do pequeno espaço que lhe é cabido – não sem um certo conflito, oriundo da tensão entre seus movimentos e a solidez do resto da porta. Esta permanece intacta e, em última instância, indiferente aos malabarismos feitos pelas linhas (já curvas), para quebrar sua solidez. Um padrão, uma imagem capaz de concentrar um complexo de contradições da qual a Vila Itororó é ao mesmo tempo vítima, testemunha e epítome.

FÁBIO ZUKER, CURADOR ADJUNTO

...foi um padrão que me chamou a atenção... aplicado na área externa do palacete, pelo inusitado e abusivo uso das cores, e na sua transposição para o estêncil, pela força do movimento...labiríntico e infinito...

LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA, COORDENADOR GERAL

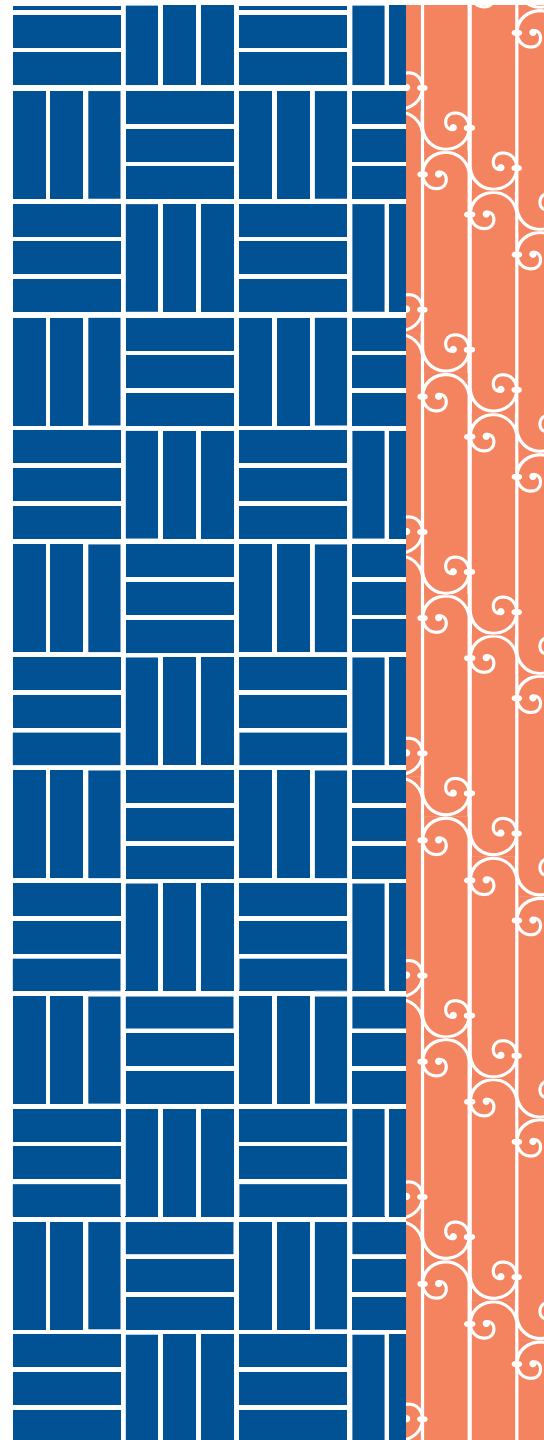
**PADRÕES DA VILA ITORORÓ
DE MÔNICA NADOR**

“Tons queimados, um tanto fechados: um vermelho terra, um amarelo mostarda, cores de uma arquitetura brasileira mais antiga”. É com essas palavras que a artista Mônica Nador descreve as cores que escolheu para o trabalho desenvolvido na Vila Itororó. Uma porta vermelha, que encontrou no local, serviu de disparador. O adorno dessa porta – uma rosa – converteu-se em máscara de estêncil, que se tornou padrão gráfico, que por sua vez virou pintura. Pois é de pintura que se trata. Mas de uma pintura versátil, que extrapola seus próprios limites: fotografia, máscara de estêncil, parede, tecido e agora papel impresso; são alguns dos meios e suportes da prática expandida de pintura desenvolvida por Mônica Nador. Desde 2003, essa prática se desdobra numa diversidade de ações que ela vem realizando no Jardim Miriam Arte Club / JAMAC.

Como em outros projetos da artista, "Padrões da Vila" se caracteriza por um trabalho longo, porém, inquieto, realizado em muitas mãos – o que culmina por deslocar a questão da autoria e da representação. O processo envolveu ex-moradores do local, moradores do Bixiga e interessados em geral. Não se tratou de representar a Vila, mas de compreender o local como um agente ativo, conectado a outros capazes de pensar o seu passado e de testar o seu futuro no presente. A Vila se transforma e se reinventa a partir dela mesma.

Esse delicado trabalho, que dá uma espessura maior ao presente, continua nesta publicação, impressa a mão, em Risograph, e se encerra no contexto de uma festa junina organizada por ex-moradores da Vila Itororó, com participação de músicos do Jardim Miriam. As máscaras de estêncil ficam disponíveis na Vila Itororó para quem quiser adentrar os processos de trabalho do canteiro aberto.

BENJAMIN SEROUSSI, CURADOR



**VILA ITORORÓ
CANTEIRO ABERTO**

PREFEITURA DE SÃO PAULO

PREFEITO
Fernando Haddad

SECRETÁRIO MUNICIPAL
DE CULTURA
Nabil Bonduki

PROJETO CULTURAL
DE RESTAURAÇÃO DA
VILA ITORORÓ

REALIZAÇÃO
Instituto Pedra

COORDENAÇÃO GERAL
Luiz Fernando de Almeida

GERÊNCIA DE PROJETO
Norton Ficarelli

GERÊNCIA ADMINISTRATIVA/
FINANCEIRA
Rodrigo Cavalcanti

EQUIPE DE ARQUITETURA
Benjamim Saviani
Mariana Victor
Matheus Santa Cruz
Paula Tedesco
Sylvia Braga
Barbara Marie Sebroeck
(estagiária)
Estevão Sabatier
(estagiário)
Mariana Vetrone
(estagiária)
Aline Costa (estagiária)
Angélica Piacente
(estagiária)
Luiz Felipe Helou
(estagiário)

PROJETOS DE ATIVAÇÃO
CULTURAL "CANTEIRO ABERTO"
Benjamin Seroussi
(curador)
Fábio Zuker (curador
adjunto)
Graziela Kunsch
(formação de público)
Cadu Valadão (coordenador
do educativo)
Thauany Freire (estagiária)

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Sylvia Braga

PADRÕES DA VILA ITORORÓ

ARTISTA
Mônica Nador

ASSISTENTE DE MÔNICA NADOR
Renan Heitzmann

AJUDANTES
Felipe Mei
Julia Sayed Tranches
Camila de Jesus Santana
Daniel

PARTICIPANTES
Maria Aparecida
de Santana
Igor Dias
Edna Dias
Teresa de Jesus
Pablo Dias
Camila Pinotti
Leandra Andrielly
Thayslla Sabyrna
Alessandro Sousa
Márcio Sousa
Monique Sousa
Kauã Santana
Eric Santana

CURADORIA
Benjamin Seroussi
(curador)
Fabio Zuker (curador
adjunto)

PROJETO GRÁFICO
Três Design

TEXTOS
Bárbara Marie
Van Sebroeck
Benjamim Saviani
Benjamin Seroussi
Fabio Zuker
Graziela Kunsch
Henrik Carpanedo
Luiz Fernando de Almeida
Mariana Lunardi Vetrone
Mônica Nador
Norton Ficarelli
Paula Tedesco
Renan Heitzmann
Thauany Freire

REVISÃO
Gilda Morassutti

IMPRESSÃO
Meli Melo Press
1000 exemplares, 2015
Impressão em papel
pólen em Risograph

Os textos que acompanham
os padrões foram
produzidos num exercício
livre de escrita por
colaboradores do projeto
Vila Itororó, canteiro aberto.
Mais padrões e textos estão
disponíveis no
www.vilaitororo.org.br



EXECUÇÃO



CO-PATROCÍNIO



GESTÃO



APOIO



APOIO CULTURAL

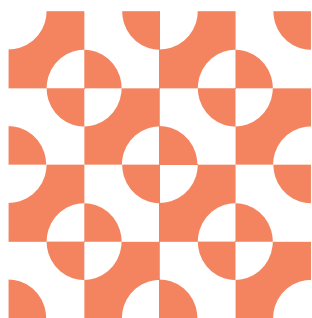


REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura





Quando entrei na Casa 2, pela primeira vez, para fazer levantamento, já esperava encontrar toda a poeira, os restos de materiais desgastados, vidraças quebradas, muitas teias de aranha, mofo e aqueles sinais conhecidos de uma casa esvaziada há algum tempo. O que eu não esperava era, ao raspar o pé na área avarandada da lavanderia, encontrar, por baixo de toda a sujeira, um belo padrão geométrico vermelho, que mais tarde fui descobrir também na pavimentação de outras casas. Essas pequenas surpresas, ao lidar com os edifícios antigos, fazem os dias de levantamento sempre mais bonitos.

MARIANA LUNARDI VETRONE, ESTAGIÁRIA DE ARQUITETURA

